

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes oferece três Licenciaturas, dois Bacharelados e três Cursos Superiores em Tecnologia. Cada um – com especificidades inerentes às suas áreas de abrangência – forma profissionais que atuam nas esferas da produção de conhecimento, na construção de conceitos, na formação de docentes, na produção cultural e tecnológica. Ainda que existam diferenças e similitudes entre esses cursos e seus campos de conhecimentos, existe um tópico sobre o qual discorreremos nesta apresentação que perpassa todos eles: os processos de criação.

Quantas vezes escutamos o termo “gênio”¹ utilizado como adjetivo para qualificar o ser humano que consegue demonstrar seu talento através de algum tipo de contribuição para a sociedade, por meio da ação de criar/realizar algo que o distingue dos demais de sua espécie? O objeto de sua criação, o não usual, o diferente, por vezes, é associado ao novo, à inovação ou à invenção. Em outras palavras, a *doxa* determina que o “gênio” é aquele sujeito que se diferencia por uma habilidade advinda de um “presente” de natureza sobrenatural, uma espécie de “dom” especial.

Entretanto, de maneira ampla, poderemos propor a recusa à premissa de uma luz que ilumina a cabeça dos seres em seus atos criadores. Por conseguinte, uma breve reflexão a respeito do processo de criação. Ainda, reforçar a ideia de que os estudos sobre os processos de criação podem auxiliar na construção de soluções inovadoras em variados campos do conhecimento.

Ao lançar um olhar sobre a criação em diversificadas áreas do conhecimento – ciência, arte, tecnologia –, cada vez mais, percebe-se a necessidade de gerar formas de mapear esse labirinto que é a criação. Ao escrever sobre a criatividade, Fayga Ostrower é enfática ao dizer que “criar é formar” (1987, p. 9). Para a autora, a prática da criação não trata apenas de associações fortuitas dentro de processos meramente intuitivos, mas é, sobretudo, uma capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar e significar. Portanto, ainda que não se excluam a subjetividade e a intuição dos processos de criação, é a nossa capacidade de estabelecer relações entre fenômenos diversos que nos proporciona a possibilidade de resignificá-los. Um processo que é tanto objetivo quanto subjetivo.

Sobre os processos de criação, Cecília Almeida Salles relata que, desde os anos 1960, o assunto tem movimentado os espaços de reflexão dentro e fora da academia. A autora aponta a data de 1968, quando pesquisadores do *Centre National de Recherche Scientifique* foram encarregados de organizar os manuscritos do poeta Heinrich Heine (1797-1856), um empreendimento que possivelmente buscava interpretações sobre aquilo que não se vê na obra final, os rastros deixados em seu processo

¹ Ecos do pensamento kantiano que distribuímos mundo afora, o “gênio,” “como veículo da expressão da natureza” que move o artista em direção à obra de arte, não subsidia o artista para que ele possa descrever a regra pela qual constrói seus produtos, ou seja, não dá condições ao artista para que descreva de forma analítica o processo pelo qual cria a obra. Para Kant, o talento do gênio deveria ser inato e não aprendido, para ele, a aprendizagem não é mais do que a imitação e isso entra em confronto com a sua proposição para a originalidade para a obra de arte. Uma das grandes dificuldades do ensino do desenho, por exemplo, irrompe de um preconceito que os alunos têm sobre si. *Não tenho o “dom” ou fulano é um “gênio”* são máximas que escutamos nas práticas do ensino do desenho. O discente, primeiramente, precisa quebrar esse preconceito e conceber o desenho ou a fotografia como ferramentas que podem ser utilizadas em seus processos de criação ou como, no caso das artes, o produto final de seu fazer.



de criação. Nesse caso, as rasuras, os sobrescritos, as anotações ao redor das páginas, todos os elementos que poderiam determinar as estruturas construídas pelo criador, as quais deram forma à obra. O trabalho desses acadêmicos culminou na crítica genética. Salles salienta que, apesar de a origem da crítica genética estar vinculada à Literatura, esta pode e deve ser espalhada para outros campos do conhecimento. Mas, o que há de tão pertinente nos processos de criação?

Poderíamos propor que aquele que busca conhecer os processos de criação, ao interpelar os rastros, os documentos do processo e, ao criar sobre esses algum tipo de juízo que culmine em uma hipótese, estará construindo, criando. Em um célebre texto intitulado “O artista deve ir à Universidade?”, Michel Duchamp inicia sua fala com uma afirmativa: “*Burro como um pintor*”.³ Daí em diante, discorre sobre a importância da educação formal na vida de um artista, na constituição de ferramentas que permitam ao artista “elevar-se” intelectual e espiritualmente no cerne de uma sociedade contemporânea materialista. Se Duchamp salienta a importância da formação para o artista contemporâneo, colocamos, hoje, sobre o fazer artístico, a importância da compreensão dos processos de criação, tanto para aquele que cria quanto para aquele que analisa o produto final.

Para além do campo artístico, seja qual for o produto de uma criação, a variável será o ângulo pelo qual esta será analisada. O objetivo de tal compreensão ficará a cargo da necessidade específica de quem analisa o processo, seja para compreender melhor a obra de Heine, seja para compreender melhor o seu próprio fazer ou para aperfeiçoar metodologias de trabalho que visem à Inovação.

Sobre a relação entre Criatividade e Inovação, é importante salientar que todos nós somos capazes de estabelecer relações com o mundo que nos cerca e, com essas relações, construir significações, gerar, criar, construir algum tipo conhecimento sobre o nosso contexto. Entretanto, nem tudo o que construímos será inovador. Tomemos como exemplo a ideia de Drucker (1987, p. 25), para quem inovação é “[...] o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente ou um serviço diferente”. Do ponto de vista do empreendedorismo, a necessidade de inovar é uma constante, isto é, encontrar soluções para diferentes situações do cotidiano, ainda que a solução seja criar uma nova forma de fazer a mesma coisa, com um melhor resultado (de tempo, de investimento financeiro, de investimento de mão de obra etc.).

Mas, ampliando o sentido do termo “empreendedor”, percebemos que a transformação de um determinado modelo, paradigma, atravessa a área dos negócios e toca as mais diversas ações cotidianas. Estamos, a todo momento, construindo relações com o mundo que nos cerca, para isso, a criatividade é ferramenta essencial, mas não quebramos paradigmas todos os dias, não conseguimos

² Texto de uma alocação em inglês pronunciada por Marcel Duchamp, em colóquio organizado em Hofstra, em 13 de maio de 1960. Consta em SANOLLET, Michel. **DUCHAMP DU SIGNE réunis et présentés par Michel Sanoulet e Paul Matisse**. Paris Flammarion, 1991, pp. 236-239. Utilizo aqui uma tradução realizada pelo professor Círio Simon para Victor Hugo Guimarães Rodrigues, professor da FURG, de 27 de junho de 2004, no contexto do 1º Colóquio dos Dirigentes das Instituições Superior de Arte do Rio Grande do Sul realizado entre 24 e 26 de junho de 2004, no Instituto de Artes da UFRGS.

³ No original, Duchamp utiliza a expressão “*Bête comme un peintre*”.



uma “mudança” radical que transforme um processo a todo instante. Por fim, não somos Da Vinci, Van Gogh, Duchamp, Jobs ou Zuckerberg uma vez ao dia. Portanto, criar não significa necessariamente inovar, mas ambas as ações pressupõem um processo. De fato, compreender melhor os caminhos percorridos por aqueles que transformam paradigmas e visualizar com mais acuidade as transformações durante o processo pode auxiliar no desenvolvimento de metodologias que otimizem a construção de projetos, viabilizando a proposição e a implementação de ideias inovadoras.

Do ponto de vista da geração de novas tecnologias e produtos, poderíamos dizer que quanto mais compreendermos os processos de criação e como eles se estruturam, mais rápido poderemos chegar a resultados que sejam inovadores dentro de seus campos ou aprender com os erros durante o processo. E, dessa forma, teremos a possibilidade de modificar nossos campos de atuação, ou ainda, ampliá-los.

Retomemos a pergunta de Duchamp: “*O artista deve ir à Universidade?*” A resposta de Duchamp é sim, para além dessa resposta, está o fato de que necessitamos ter consciência das metodologias que desenvolvemos quando construímos algo. Não apenas por curiosidade, mas, no caso da produção artística, para não cairmos na armadilha do “gênio”, esperando que uma luz sobrenatural ilumine nossos pensamentos, ou pior, estrangulando nosso potencial criativo em virtude de não termos o “dom” para criarmos algo inovador e original.

O Criador não age por meio de um “dom”, mas sim de um processo, que envolve estudo, aprofundamento, interação com outras partes, o que propicia o desenvolvimento adequado da ideia pensada, com vistas à construção de novos conhecimentos e produtos.

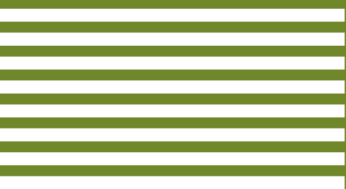
É desse tema que a presente revista versa. Aproveite, leia, escreva, fotografe, desenhe, inove, empreenda, compartilhe, aprimore o seu processo criativo.

Prof. Me. Júlio César da Rosa Herbstrith

Coordenador do curso de Tecnologia em Design de Interiores

Prof. Me Luis Henrique Rauber

Coordenador dos Cursos de Tecnologia em Fotografia e Design Gráfico



REFERÊNCIAS

DELUZE, Gilles. Ato de Criação. In: **Caderno Mais!** - Folha de São Paulo 2706/1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor: (entrepreneurship): prática e princípios**. 1. Ed. São Paulo, SP: Pioneira Thomson, 1986.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 20. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

Salles, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado** - processos de criação artística. 3. Ed. São Paulo: Editora Anna Blume, 2004.

SANOULLET, Michel. **DUCHAMP DU SIGNE réunis et présentés par Michel Sanoulet e Paul Matisse**. Paris Flammarion, 1991, p. 236-239.

SANSEVERO, Bernardo. Kant e a figura do gênio. In: **Revista Kíneses**, v. 9, 7 jul. 2012, p. 273-285. Revista de Estudos dos pós-graduados em Filosofia - Unesp.